



RINOCERONTES

O primeiro rinoceronte que, em tempos modernos, se sabe ter vindo para a Europa foi o espécime oferecido pelo Sultão de Cambaia ao Rei D. Manuel I. Grangeou fama. Em Lisboa, foi utilizado em jogos de corte, nomeadamente num frustrado combate com um elefante. Suscitou a curiosidade geral e, em particular, de reis como Francisco I de França, que o visitou no porto de Marselha; decorria a sua última viagem, pois deveria ser entregue ao Papa, em Roma, como oferta de D. Manuel. Tempestade no mar e subsequente naufrágio provocaram-lhe a morte por atagamento. Contudo, o caáver foi recuperado. A oferta real foi consumada, com o famoso animal empalhado.

Tamanho foi a notoriedade deste rinoceronte que despertou a atenção de artistas de primeira plana, como A. Dürer, autor de bem conhecidas gravuras que se lhe referem.

Restam, na Natureza de hoje, cinco espécies de rinocerontes, todas ameaçadas de extinção. A actual situação de manifesta decadência não exprime a riqueza, a pujança e a variedade da família dos rinocerontes — através da sua história paleontológica — que decorreu em quase todos os continentes, com as excepções da América do Sul, da Antártida e da Austrália.

Os primeiros rinocerontes, de tipo arcaico — os biracodontes — tinham porte bastante modesto comparativamente aos descendentes modernos. Eram dotados de dentição com caracteres primitivos e membros esbeltos, adaptados à corrida. Terão derivado de mamíferos perissodáctilos anóstrais, próximos dos tapires (estes, magramente representados na actualidade).

Os rinocerontes parecem ter surgido na Ásia, no Eocénico inferior, há cerca de 50 milhões de anos (Ma). Então, braços de mares (ditos epicontinentais) ocupavam porções de continentes, conjuntamente com os oceanos, cuja configuração era diferente da actual, determinavam paleogeografias muito distintas. O mar epicontinental que ocupava a posição dos Montes Urais impedia comunicações terrestres entre a Ásia e a Europa, enquanto que o Paleomediterrâneo, prolongando-se



através do Próximo Oriente até ao Índico, assegurava o isolamento da África, ainda não separada da Arábia.

No Eocénico médio (há uns 45 Ma), a emersão da área onde hoje se situa o Estreito de Behring permitiu aos rinocerontes arcaicos e a outros mamíferos invadir a América do Norte, que permaneceu separada da América do Sul até muito mais tarde (Pliocénico). A América do Norte ficou convertida, desde então, num dos mais importantes centros de evolução dos rinocerontes.

Ainda no Eocénico médio houve, esporadicamente, comunicações terrestres com a Europa, que também recebeu rinocerontes arcaicos imigrados. Pouco prosperaram no Continente europeu, onde se extinguiram muito antes do final dos tempos cocénicos, há cerca de 40 Ma. A deterioração climática então verificada, com acentuada aridez, deve ter concorrido para a extinção europeia.

Rinocerontes de tipo mais moderno apareceram no Oligocénico (37 a 24 Ma) da Ásia. Alguns, os *Baluchtherium*, são os maiores mamíferos terrestres conhecidos. Outros rinocerontes alastraram de novo através do continente europeu em tempos oligocénicos. Vieram e ficaram, o que não exclui a realidade de novas vagas de imigração, de origem asiática. Attingiram, desde logo, a Península Ibérica.

Já no Miocénico inferior (ou em fins do período precedente), aproximadamente há 20 Ma, verificou-se um acontecimento de maior importância, a cessação da ligação entre o Paleomediterrâneo e o Índico. Por conseguinte, estabeleceu-se comunicação terrestre com África, abrindo caminho a migrações; os rinocerontes colonizaram, também, este continente.

Entretanto, a história dos rinocerontes prosseguia na América do Norte, até a extinção. Os últimos viveram, aí, no Pliocénico inferior (4 a 5 Ma, aproximadamente), antes de, após tão prolongado hiato, se terem restabelecido comunicações terrestres com a América do Sul. Este continente, por isso, nunca albergou populações de rinocerontes.

Na área onde hoje é Portugal, restos de rinocerontes documentam a presença destes desde o Miocénico inferior, há cerca de 20 Ma. Os últimos foram contemporâneos do Homem, e sobreviveram até perto do fim do Plistocénico, há apenas 10 mil anos, ou pouco mais. Os exemplares expostos, depositados no Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa (INIC), constituem alguns exemplos.

Em Portugal, e na região de Lisboa em especial, foram encontrados ossos e dentes de várias espécies de rinocerontes, de que mostramos alguns exemplares.

- 1) Palato (molde) com dentes do rinoceronte anão, descrito por F. ROMAN em 1907 sob o nome de *Rhinoceros (Ceratotherium ?) tagicus*, espécie que o autor considerou nova para a Ciência. Apareceu num antigo barreiro

situado na Horta das Tripas, aproximadamente entre o local de Camões e o Forum Picoas, em argilas do Miocénico inferior, com cerca de 20 milhões de anos. O tamanho não excederia o de um porco.

- 2) Palato com dentes de um rinoceronte sem chifres do género *Aceratherium* — e da espécie *Aceratherium platyodon* — descoberto no antigo arceiro da Quinta do Narigão, a Oeste da Avenida Gago Coutinho, em Lisboa. Provém, de areias ainda do Miocénico inferior, com 17 milhões de anos, aproximadamente. Os aceraterios sobreviveram na Europa até o início do Miocénico superior (9-10 Ma), como se verificou no caso de várias jazidas do Distrito de Santarém (Azambujeira e Freiria de Rio Maior, entre outras).
- 3) Metade esquerda de mandíbula com dentes do *Aceratherium platyodon*. Proveniência: arceiro do Vale Pequeno, à Charneca do Lumiar. Mesma idade que 2).
- 4) Um pouco mais tarde, no final do Miocénico inferior, cerca de 16 milhões de anos, chegou outra espécie de rinoceronte, provavelmente de origem asiática, descrito por M. T. ANTUNES & L. GINSBURG em 1983 sob o nome de *Gaündatherium (Iberotherium) rexmanuelli* — em lembrança de D. Manuel. Estão representados por exemplares recolhidos na Quinta das Pedreiras, ao Lumiar: um conjunto de dentes superiores e a metade esquerda de uma mandíbula.
- 5) A par de ossos e dentes, há outros vestígios de mamíferos: excrementos fossilizados ou coprólitos. Um exemplar da Quinta das Pedreiras, ao Lumiar, pode ser de rinoceronte. Outro, do início do Miocénico médio (15 Ma), proveniente do antigo arceiro do Olival da Susana — Charneca do Lumiar, foi pisado, provavelmente por um rinoceronte: observam-se as impressões de dedos, impressos ao escorregarem sobre o dejecto, que esmagaram.
- 6) Os rinocerontes frequentaram até muito mais tarde as nossas regiões. No Quaternário português têm sido encontrados vestígios de uma só espécie de rinoceronte, *Diceroshinus hemitoechus*, que perdurou até ao paleolítico superior, até há pouco mais de 10 mil anos. Exemplo, o osso do calcânhar (calcâneo) de um indivíduo jovem, associado a um dente de veado (*Cervus elaphus*), ambos representando restos de comida de homens que habitaram a Gruta da Figueira Brava, na Arrabida, há uns 30 mil anos.

Miguel Telles Antunes